
EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: DO COLAPSO AO ENSINO REMOTO

*Gabriela Moreles Trindade**, *Patrícia dos Santos Moura***

RESUMO

Este artigo tem como objetivo geral compreender como os processos educativos foram impactados pela pandemia de covid-19. Para isso, examinamos uma série de artigos publicados na plataforma SciELO durante os anos de 2021 e 2022, com o intuito de identificar os principais desafios enfrentados durante o ensino remoto. Esta pesquisa se faz relevante porque, em decorrência da pandemia e do ensino remoto, a educação, o fazer docente e, principalmente, a aprendizagem dos alunos passaram por uma mudança. Questionamo-nos em nossa pesquisa: como ocorreu o acesso à educação durante o ensino remoto? Como se deu o processo de alfabetização e letramento nos primeiros anos do ensino fundamental? Quais as implicações do ensino remoto no fazer docente? E qual o papel que tecnologias passam a desempenhar na educação? O presente artigo foi realizado por meio de uma pesquisa bibliográfica que, de acordo com Gil (2002), pode ser explicada como uma atividade de síntese dos principais textos e teorias para a compreensão de um determinado assunto. Por fim, através do levantamento bibliográfico realizado, percebemos que o acesso à educação ocorreu principalmente através das plataformas digitais, o que fez com que o fazer docente passasse por uma grande transformação durante o ensino remoto. Assim, os professores tiveram que ressignificar suas práticas e incorporar cada vez mais as tecnologias em sua ação docente.

Palavras-chave: educação; pandemia; ensino remoto.

* Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Pampa (Unipampa). ORCID: <https://orcid.org/my-orcid?orcid=0000-0003-2149-3054>. Correio eletrônico: gabrielamoreles.aluno@unipampa.edu.br.

** Professora coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação, Mestrado Profissional Unipampa, Campus Jaguarão (RS). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2720-8074>. Correio eletrônico: patriciapinho@unipampa.edu.br.

EDUCATION IN TIMES OF PANDEMIC: FROM COLLAPSE TO REMOTE TEACHING

ABSTRACT

This article aims to understand how educational processes have been impacted by the Covid-19 pandemic. To this end, we reviewed a series of articles published on the SciElo platform during the years 2021 and 2022, with the aim of identifying the main challenges faced during distance learning. This research becomes relevant because as a result of the pandemic and distance learning, education, teaching, and especially the learning of students have undergone a change. We asked ourselves in our research, how did access to education occur during distance learning? How did the literacy and literacy process go? What are the implications of distance learning for teaching? And what role do technologies play in education? The present article was carried out through a bibliographic research that, according to Gil (2002), can be explained as an activity of synthesis of the main texts and theories for the understanding of a given subject.

Keywords: *education; pandemic; remote teaching.*

EDUCACIÓN EN TIEMPOS DE PANDEMIA: DESDE EL COLAPSO HASTA LA ENSEÑANZA REMOTA

Este artículo tiene como objetivo general comprender cómo los procesos educativos fueron impactados por la pandemia del nuevo coronavirus. Para ello, examinamos una serie de artículos publicados en la plataforma SciELO durante los años 2021 y 2022, con el objetivo de identificar los principales desafíos enfrentados durante la enseñanza remota. Esta investigación es relevante porque debido a la pandemia y la enseñanza remota, la educación, la práctica pedagógica, especialmente, el aprendizaje de los alumnos han experimentado cambios. En nuestra investigación nos preguntamos: ¿Cómo fue el acceso a la educación durante la enseñanza remota? ¿Cómo se llevó a cabo el proceso de alfabetización? ¿Cuáles son las implicaciones de la enseñanza remota en la práctica pedagógica? ¿Qué papel tienen las tecnologías en la educación? Este artículo se llevó a cabo mediante una investigación bibliográfica que, según Gil (2002), puede explicarse como una actividad de síntesis de los principales textos y teorías para la comprensión de un tema específico.

Palabras clave: *educación; pandemia; enseñanza remota.*

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo geral compreender como os processos educativos foram impactados pela pandemia de covid-19. Para isso, examinamos uma série de artigos publicados na plataforma SciELO durante os anos de 2021 e 2022, com o intuito de identificar os principais desafios enfrentados durante o ensino remoto.

Acreditamos que esta pesquisa é necessária porque percebemos, durante o ensino remoto emergencial (ERE), a dificuldade de as crianças realizarem suas atividades tanto por falta de equipamentos tecnológicos adequados como também por sofrerem outros problemas, como mortes na família e desemprego dos pais.

Além disso, muitos dos nossos alunos, agora no pós-ensino remoto, têm defasagens enormes em suas aprendizagens principalmente na leitura, na escrita e na resolução de cálculos.

Corroborando isso, Colello (2021, p. 134) afirma que

a escola também mudou, inaugurando a inusitada realidade do ensino remoto, o qual, partilhando responsabilidades entre famílias e educadores, também dividiu com a comunidade escolar desafios, tensões, expectativas e sentimentos (em especial, apreensões, ansiedades, inseguranças e frustrações). Como um contraponto de vivências tão turbulentas, a escola, indiscutivelmente, conquistou novas formas de ensino, além de mecanismos incomuns de aproximação com a comunidade.

Percebe-se assim que, em decorrência da pandemia e do ensino remoto, a educação, o fazer docente e principalmente a aprendizagem dos alunos passaram por uma mudança. Por causa disso, “novas reflexões sobre o contexto educacional estão em evidência e a exigência por novas formas de pensar e fazer educação se fazem imperiosas” (Castro, Silva, Selau, 2021, p. 3).

É necessário destacar que, de acordo com Parecer n.º 9/2020 do Conselho Nacional de Educação (CNE), a prolongada interrupção das aulas presenciais em decorrência da pandemia pode ter como consequência o retrocesso no desenvolvimento e nas aprendizagens dos educandos, o aumento da evasão e do abandono escolar; danos aos alicerces sociais, principalmente para os alunos mais pobres.

Elencamos, assim, a seguinte questão central: como ocorreu o acesso à educação durante o ensino remoto? E nos questionamos também: como se deu o processo de

alfabetização e letramento? Quais as implicações do ensino remoto no fazer docente? E qual o papel que as tecnologias passam a desempenhar na educação?

Por fim, o presente artigo foi realizado por meio de uma pesquisa bibliográfica que, de acordo com Gil (2002), pode ser explicada como uma atividade de síntese dos principais textos e teorias para a compreensão de um determinado assunto. Além disso, este texto é um recorte de uma dissertação intitulada *Práticas de alfalettrar a partir do texto literário em um 5.º ano de Pelotas (RS)*.

2 DO INÍCIO DO CAOS À NECESSIDADE DE REORGANIZAR A EDUCAÇÃO

A pandemia começou em Wuhan, na China, espalhando-se rapidamente pelo mundo, fazendo com que a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarasse, em 30 de janeiro de 2020, emergência de saúde pública internacional e, posteriormente, em 11 de março de 2020, pandemia de covid-19, pela presença do vírus em todos os continentes.

Com altas taxas de contágio e mortalidade, a OMS recomendou “[...] três ações básicas: isolamento e tratamento dos casos identificados, testes massivos e distanciamento social” (Brasil, 2020, p. 1) numa tentativa de preservar vidas e impedir o colapso dos sistemas de saúde pelo mundo.

O coronavírus passou a impactar todos os âmbitos de nossas vidas, dando início a uma crise humanitária que passaria a nos atormentar de todas as formas possíveis, através do aumento expressivo de demissões em massa, da fome, de mortes e de todas as outras incertezas que foram pioradas por um desgoverno cruel, que, em vez de se solidarizar, debochava abertamente da dor das pessoas.

Além disso, segundo Antunes (2022), a população que depende do seu próprio trabalho para o seu sustento sofreu com as imposições do capital, que, mesmo durante a quarentena, exigiu que os trabalhadores, principalmente os informais e terceirizados, encontrassem maneiras de continuar desenvolvendo seu trabalho numa tentativa fugaz de sobreviver, visto que, “[...] se não o fizessem, não teriam sustento, pois compreendem uma categoria completamente à margem dos direitos do trabalho” (Antunes, 2022, p. 42).

Nessa direção, Antunes (2022, p. 43) complementa assim:

como se pode observar, a pressão do governo, a pretexto de recuperar a economia, obriga milhares de trabalhadores e trabalhadoras a voltar ao trabalho para garantir seu emprego. Os dados referentes às mortes por covid-19, especialmente na classe trabalhadora, falam por si só. O coronavírus tem corpo-de-classe, atingindo mais as mulheres assalariadas, negras e imigrantes.

O governo brasileiro, para Antunes (2022), contribuiu para o agravamento das condições de vida da população, pois se mostrou resistente em resguardar a classe trabalhadora, ficando isso evidente através da demora na compra e distribuição de vacinas e na pressão constante por parte do governo para a retomada do trabalho, durante alguns períodos críticos de contágio da covid-19.

Podemos constatar que a pandemia evidenciou uma “[...] corrosão ilimitada dos direitos sociais do trabalho, e cujo resultado é uma massa imensa de indivíduos sem trabalho, sem salário, sem previdência e sem sistema de saúde pública abrangente” (Antunes, 2022, p. 43).

Diante disso, é indispensável compreendermos que o isolamento social fez com que as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) tivessem um novo papel em nossas vidas. Principalmente quando consideramos que, segundo o Parecer n.º 5/2020 do CNE, em 17 de março de 2020, o Ministério da Educação (MEC) lança a Portaria n.º 343, que irá discorrer sobre a necessidade, primeiramente para o Ensino Superior, da transferência das aulas presenciais para os meios digitais em decorrência da covid-19.

Sendo que, de acordo com o Parecer n.º 5/2020 do CNE, o Conselho Nacional de Educação vai a público, em 18 de março de 2020, com o objetivo de esclarecer a necessidade de reorganização das atividades educativas por causa das medidas preventivas de combate à covid-19. Posteriormente baseado nas medidas de combate ao vírus, os conselhos estaduais e municipais de educação “[...] emitiram resoluções e/ou pareceres orientativos para as instituições de ensino pertencentes aos seus respectivos sistemas sobre a reorganização do calendário escolar e uso de atividades não presenciais” (Brasil, 2020, p. 1).

Percebe-se assim que a educação durante a pandemia foi marcada pelo enfrentamento às adversidades e também pela necessidade de repensarmos rapidamente o acesso à educação e o fazer docente, o que “[...] destacou fragilidades do sistema educacional e revelou iniciativas, bem e mal sucedidas – mas todas marcadas por um caráter emergencial” (Castro; Silva; Selau, 2021, p. 1).

Uma das principais fragilidades apontadas por Colello (2021) se refere aos processos educativos, pois, enquanto alunos de escolas particulares tinham acesso às tecnologias para se estruturarem e poderem assim reorganizar o processo de aprendizagem, as escolas públicas, marcadas pelos problemas sociais e econômicos, que sem dúvida interferiram negativamente na aprendizagem dos alunos, apresentaram mais dificuldades. Como podemos observar quando Colello (2021, p. 145) afirma o seguinte:

de fato, logo no início da quarentena, mais da metade das redes estaduais no Brasil admitiram não terem recursos disponíveis para atender os alunos. Além disso, em grandes cidades, nem mesmo o encaminhamento de materiais pedagógicos pelo correio chegou à totalidade dos alunos. Assim, para as camadas menos privilegiadas, falar em ensino remoto parece até uma ironia.

A escola, de acordo com Colello (2021), passa por uma mudança significativa em seus processos de ensino e aprendizagem marcada pela realidade imposta pela covid-19 e, também, por uma série de desafios que nós, enquanto membros de uma sociedade educacional, precisamos enfrentar.

Sendo assim, com a finalidade de discutirmos um pouco acerca destes desafios, realizamos uma pesquisa na plataforma da SciELO no período de 20 de dezembro de 2022 a 25 de janeiro de 2023, na qual utilizamos os seguintes descritores: alfalettrar + ensino remoto + educação e alfabetização + pandemia + ensino.

A partir dessa pesquisa, selecionamos dez artigos, publicados nos anos de 2021 e 2022, com o intuito de utilizá-los como parâmetro para discutir acerca da educação em tempo de pandemia.

Durante esse período, é importante ressaltar que realizamos a leitura de um grande número de artigos e, em decorrência disso, estabelecemos alguns critérios para escolher quais se adequam melhor à nossa pesquisa.

Dentre estes critérios, gostaríamos de destacar os seguintes: todos os artigos foram escritos por professores que estavam efetivamente em sala de aula durante o ensino remoto; o ensino e o acesso à educação precisavam fazer parte da discussão; e, por último, os artigos precisavam explicar o papel das TDICs durante o processo de ensino.

Estabelecemos esses critérios porque primeiramente acreditamos que o professor que estava efetivamente em “sala de aula” durante o ensino remoto é quem melhor consegue explicar os desafios enfrentados pela educação durante a pandemia.

Além disso, acreditamos que é fundamental compreender como ocorreu o ensino e o acesso à educação durante o isolamento social, para entendermos quem é o aluno que recebemos hoje no pós-ensino remoto. E, também, como apontado pelo Parecer nº 5/2020 do CNE, para pensar em ensino remoto, é preciso pensar em tecnologia.

Assim, os artigos escolhidos nos apresentam um pequeno vislumbre da educação em tempos de pandemia, como podemos observar no quadro abaixo:

Quadro 1 – Artigos pesquisados na plataforma da Scielo sobre pandemia, educação, alfabetização e ensino remoto

TÍTULO	ANO
Direito ou privilégio? Desigualdades digitais, pandemia e os desafios de uma escola pública	2021
Tensões entre educação tradicional e uso de TDIC no ensino remoto emergencial durante a pandemia	2022
O ensino remoto emergencial e a exigência imediata de letramento: reflexões sobre um tempo de exceção	2021
Professores em meio ao ensino remoto emergencial: repercussões do isolamento social na educação formal	2022
Ensino remoto e ressignificação de práticas e papéis na educação	2021
Caindo na rede, caindo na real: em busca do inédito viável no mundo em (pós)pandemia	2021
Convergências: pensar ensino e desigualdade com Scheffler, Patto, Bourdieu e Passeron	2022
Aprendizagem de línguas mediada por tecnologias e formação de professores: recursos digitais na aprendizagem on-line para além da pandemia	2021
Experiências de ensino-aprendizagem remoto de inglês na licenciatura em letras/inglês durante a pandemia de covid-19: multiletramentos digitais e interseccionalidade	2021
O socioconstrutivismo, a literacia e o trabalho com TICs durante a pandemia de coronavírus em 2020	2021

Fonte: elaborada pelas autoras.

Como discutimos anteriormente, na tentativa de não paralisar completamente a educação formal no país, as atividades educativas foram retomadas através do ensino remoto emergencial (ERE). Por isso, iniciamos nossa conversa tratando do acesso à educação.

2.1 Acesso à educação: uma falha no *download*

Sabemos que é frustrante precisar transferir (baixar) algo da *internet* para o computador, e o arquivo apresentar falha no *download*. Principalmente para nós, nascidos na era da tecnologia da informação, que amamos salvar tudo *on-line*. E raramente, para não dizer nunca, temos uma cópia do que precisamos impresso.

O que uma falha no *download* tem a ver com a educação? Permita-me responder: tudo. O acesso à educação durante a pandemia foi um *download* falho para muitos alunos que, por diversas razões, não tiveram o mínimo contato com a escola.

O ensino remoto foi um período muito difícil por diversos motivos. Primeiro, ficamos por vários meses sem nenhum contato com os alunos, porque no início nós acreditávamos que o distanciamento social seria algo de 20 ou no máximo 30 dias. E depois, quando percebemos que não era um problema que iria se resolver rápido e, finalmente, retomamos o contato com os alunos pelos meios digitais, nós não tínhamos o menor preparo.

A transição do ensino presencial para o ensino remoto demorou muito para acontecer e, quando aconteceu, não garantiu o acesso às aulas *on-line* a todos os nossos alunos, pois muitos deles não tinham os aparatos tecnológicos necessários para assistir às aulas.

Corroborando isso, Fialho e Neves (2022) constataram que a exclusão digital de alunos por causa da falta de acesso às TDICs foi uma das grandes aflições dos professores, já que o ensino remoto, apesar de ser essencial para a educação em tempos de pandemia, é excludente. Algo que fica evidente quando o “[...] precário acesso à internet e às ferramentas digitais foi a dificuldade mais frequente apontada por todos os professores independentemente da etapa e do nível da educação” (Fialho; Neves, 2022, p. 13).

Isso ocorreu porque, como disposto por Fialho e Neves (2020), não houve uma política pública nacional que regulamentasse e garantisse o acesso ao ensino remoto, não tendo nem mesmo uma plataforma específica para a realização das atividades. Atividades essas que foram, como salientado pelos autores, ofertadas na maioria das vezes por meio de plataformas digitais e redes sociais.

Perceba que o ensino remoto acabou acontecendo, de acordo com Fialho e Neves (2020), de maneira improvisada, o que impactou diretamente o acesso à educação, pois muitos alunos não tinham as ferramentas necessárias para assistir às aulas, o que foi um grande empecilho principalmente para aqueles matriculados em escolas públicas.

Isso foi um problema muito grande, porque precisávamos ensinar sem ter o mínimo de contato com os nossos alunos e, em nossa concepção de ensino, a aprendizagem acontece através da interação com o outro. Além disso, não tínhamos a menor estrutura para as nossas aulas, por isso acabamos criando grupos de *Whatsapp* com as famílias de nossos alunos, e era através desse grupo que mandamos as atividades para os alunos.

Essas atividades no início eram enviadas quinzenalmente, e não trabalhávamos conteúdos, apenas tarefas de cunho socioemocional. Posteriormente, em setembro de 2020, começamos a retomar os conteúdos mais básicos. Porém, boa parte dos alunos não realizavam essas atividades por não terem os aparatos necessários e também por estarem enfrentando outros problemas como, por exemplo, o desemprego dos pais, o falecimento de amigos e familiares.

Foi apenas em 2021 que começamos com aulas *on-line* síncronas. Essas aulas ocorreram pela plataforma *Zoom*. É importante ressaltar que a escolha dessa plataforma foi algo que fizemos enquanto escola. Isso porque não tínhamos uma plataforma específica para as aulas.

Além disso, de acordo com Macedo (2021), a falta e os problemas de utilização dos meios digitais durante o ensino remoto dificultaram a manutenção de vínculo dos alunos mais pobres com a escola, dado que há uma diferença gritante na quantidade e na qualidade das atividades realizadas pelos alunos. Ela ressalta também em sua pesquisa que “as desigualdades digitais refletem ou espelham desigualdades sociais mais amplas, já constituindo desde o fim do século XX mais um lócus de estratificação social no Brasil” (Macedo, 2021, p. 265).

Isso fez com que o acesso à educação durante a pandemia não fosse garantido, o que, segundo Macedo (2021), escancarou as desigualdades sociais no país. É necessário destacar também que, de acordo com Silva, Silva e Cândido (2022), antes do ensino remoto, o fazer pedagógico, mesmo sem garantir equidade, alcançava em algum grau todos os alunos que frequentavam assiduamente o ambiente escolar.

Contudo, com a pandemia, as desigualdades no acesso à educação se tornaram colossais, fazendo com que fosse imprescindível considerar que “[...] as decorrentes modalidades de ensino remoto, em um país com tão graves contrastes sociais e econômicos, podem transformar-se em instrumentos de elevação e consolidação de desigualdades sociais” (Silva; Silva; Cândido, 2022, p. 250).

Isso se acentua, segundo Macedo (2021), quando percebemos que, além de muitos alunos não terem os meios digitais adequados (equipamentos e *internet*) para assistir às aulas remotas, boa parte da população brasileira que possui os equipamentos digitais apresenta dificuldades em utilizá-las de maneira satisfatória, sendo esse um problema de letramento digital¹.

Considerando isso, para Macedo (2021), é preciso ponderar que o fechamento das escolas ampliou as desigualdades, visto que a população mais pobre foi a mais impactada, principalmente no que se refere ao acesso à cultura, à educação e à tecnologia.

Assim é perceptível que a educação pós-ensino remoto necessita de um olhar que seja ao mesmo tempo crítico e gentil. Crítico, porque precisaremos identificar e trabalhar em cima das defasagens na aprendizagem de nossos alunos, e gentil, porque precisamos acolher esse aluno que, por inúmeras razões, não teve o mínimo de contato com a escola durante o ensino remoto. Tendo isso em mente, acreditamos que é fundamental conversarmos um pouco acerca dos processos de alfabetização e letramento durante o ensino remoto.

2.2 A alfabetização e o letramento no ensino remoto: um problema de conexão

Alfabetizar alguém é um processo muito delicado, que, para nós, professores, independentemente de quanto tempo de sala de aula temos, é sempre um desafio, porque todo aluno é diferente e o que funciona para um muitas vezes não funciona para outro.

Apesar disso, nós, professores, temos o aparato da teoria, da técnica e da prática que nos auxilia nesse processo delicado. Contudo, com o fechamento das escolas durante a pandemia, o papel de alfabetizar, que antes era centrado no professor e auxiliado pelos pais, sofreu um grande revés. Um exemplo disso é que em nossa sala de aula percebemos que os alunos que estavam no primeiro e segundo anos durante a pandemia apresentaram muitas

¹ Letramento digital pode ser entendido como a capacidade de utilizar as ferramentas e mídias digitais de maneira crítica e autônoma.

dificuldades para ler, escrever e realizar cálculos simples. E temos também alguns alunos que estão chegando ao 5.º ano sem estarem alfabetizados.

No que diz respeito à alfabetização e letramento, de acordo com Fonseca, Teixeira e Carmona (2021), o ensino remoto gerou diversos problemas no processo de alfabetização dos estudantes. Isso ocorre porque nessa fase de aprendizagem a mediação realizada pelo professor é indispensável, pois as crianças ainda estão desenvolvendo sua compreensão do sistema alfabético, necessitando de auxílio na realização de suas atividades. E, em decorrência da pandemia, essa mediação tão importante passou a ser realizada pelos familiares, que, muitas vezes, não tiveram acesso a uma educação de qualidade e, por essa razão, tiveram dificuldade em auxiliar seus filhos. Em relação a isso, Colello (2021, p. 159) afirma o que segue:

no que diz respeito especificamente à alfabetização, o ensino remoto evidenciou que em, muitos casos, para além das dificuldades práticas de transposição do presencial, prevaleceram fragilidades conceituais que comprometem o ensino (ainda mais quando elas são intensificadas no âmbito doméstico pela lógica do “assim aprendi assim ensinarei”).

A alfabetização foi um dos processos educacionais mais impactados durante o ensino remoto, principalmente quando consideramos os diversos problemas de conexão/entendimento entre pais, professores e práticas de ensino.

Essa situação fez com que a comunicação entre alunos e professores durante o ensino remoto fosse, de acordo com Rabello (2021), ainda mais importante, principalmente no que diz respeito à quantidade de atividades propostas, à adaptação do planejamento e à maneira pela qual o conteúdo era avaliado, para evitar assim a sobrecarga de atividades.

Isso foi feito principalmente porque a mediação da aprendizagem, que antes era realizada por professores e acompanhada pela família, durante o ensino remoto, foi “[...] compartilhada por dois atores diferentes: aquele que instrui sobre a realização das atividades (professor) e aquele que acompanha se essas atividades estão sendo feitas (acompanhante da criança em casa)” (Fonseca; Teixeira; Carmona, 2021, p. 7).

Assim, para Silva, Silva e Cândido (2022), o processo de alfabetização e letramento dos estudantes foi afetado pela dificuldade que muitos professores tiveram de se adaptar aos meios digitais e de manter um contato próximo com os alunos, que, por não estarem

alfabetizados, precisavam de mais auxílio de seus pais para realizarem suas atividades, especialmente no que se refere à leitura e interpretação dos enunciados.

Outro fator que interferiu no processo de alfabetização e letramento dos alunos, de acordo com Fonseca, Teixeira e Carmona (2021), foi a falta de interação entre os alunos e professores, pois nessa fase do desenvolvimento da criança a interação é muito importante para que a criança se aproprie do sistema de escrita.

Os processos de alfabetização e letramento durante o ensino remoto ficaram então vulneráveis a problemas de conexão, pois, de acordo com Colello (2021), quando a escola invade o plano doméstico, o ensino passa a depender do mínimo de entendimento entre a escola e a família. Sendo assim, é necessário buscarmos entender um pouco mais sobre a docência no ensino remoto.

2.3 Uma tela sobre o fazer docente

Quando usamos o computador, geralmente no dia em que estamos com mais pressa para realizar alguma atividade, e quase como se soubesse o quanto precisamos dele, naquele momento ele trava, ou pior, fica com a Tela Azul da Morte², impossibilitando-nos de realizar nosso trabalho, tudo fica mais difícil.

O ensino remoto foi quase como uma tela azul para muitos professores, que tiveram de se adaptar muito rapidamente aos meios digitais e redescobrir o fazer docente através de uma tela. Isso se torna evidente quando consideramos que “a maioria dos professores não se sentia preparada para lidar com a parafernália tecnológica ajustada ao processo educacional” (Colello, 2021, p. 145).

Isso porque por um lado tínhamos a cobrança das famílias que estavam muito preocupadas com a aprendizagem das crianças. E por outro lado tínhamos a alta demanda de papelada, a preocupação em incluir os alunos que não tinham acesso à *internet* e a perda do espaço e do horário de trabalho.

Um dos grandes impactos do ensino remoto no fazer docente, segundo Fialho e Neves (2020), diz respeito à sobrecarga que muitos professores enfrentam durante o ensino remoto, com a precarização e com o aumento da carga horária de trabalho. Isso ocorreu, porque

² Termo comumente usado na *internet* para se referir a problemas de *software* ou *hardware*.

muitos professores tinham acesso/conhecimento limitado do uso das TDICs, o que, somado com a desvalorização do fazer docente e com todo o estresse e incertezas de estar vivenciando uma pandemia, tornou a tarefa de ensinar ainda mais difícil.

No que diz respeito às práticas de ensino, Fettermann e Tamariz (2021) afirmam que durante o ensino remoto foi necessário refletir sobre as estratégias de ensino e de aprendizagem, visto que ensinar através de uma plataforma digital é diferente de ensinar dentro de uma sala de aula.

Além disso, para Almeida e Scheifer (2021), é perceptível que houve muitas dúvidas acerca do fazer docente causadas pelas incertezas metodológicas que competem ao ensino por meio das tecnologias digitais, visto que muitas das práticas pedagógicas que ocorreram durante o ensino remoto estavam permeadas por “[...] propostas que pretendem se valer de tecnologias, mas que, na práxis, não extrapolam a reprodução de modelos antiquados e pouco eficientes para os ambientes virtuais de aprendizagem” (Almeida; Scheifer, 2021, p. 1196).

É preciso enfatizar também que, para Stanzione *et al.* (2022), faltou, durante o ensino remoto, uma política de governo que visasse à formação continuada de professores no contexto do letramento digital. O autor salienta também que a necessidade do ensino remoto fez com que nós, professores, fôssemos obrigados a nos adaptar a utilizar as diversas plataformas digitais com pouco ou sem nenhum preparo.

Ademais, como discorrem Fialho e Neves (2022), houve, e ainda há, um grande questionamento acerca da aprendizagem dos estudantes, especialmente daqueles que possuem menos recursos e que tiveram maior dificuldade de acesso aos meios digitais, pois essa camada da população terá maior defasagem na aprendizagem. Nota-se também a preocupação massiva por parte dos professores com “[...] as desigualdades dos alunos e a possível ineficácia das medidas educativas de promoção ao ensino igualitário com o modelo remoto” (Fialho; Neves, 2022, p. 15).

Por isso, no que tange à necessidade de um ambiente virtual propício para a aprendizagem, Fettermann e Tamariz (2021) afirmam que é preciso considerar o contexto vivido pelas famílias de maneira a não as sobrecarregar ainda mais. Já que nós sabemos que, durante o isolamento social, havia a preocupação com a sobrevivência não só por causa do vírus, mas também por causa do aumento do desemprego. Assim, “percebe-se a necessidade e a urgência de ressignificar as perspectivas, ajustar as expectativas e adaptar os planos e as práticas de ensino” (Fettermann; Tamariz, 2021, p. 4).

Neste contexto, de acordo com Silva, Silva e Cândido (2022), é fundamental repensarmos as condições do ensino remoto numa perspectiva que considera, além do acesso à cultura e às tecnologias, a escolarização dos pais; principalmente porque a escola passou por uma transformação quando foi obrigada a recorrer aos meios virtuais pela necessidade de isolamento social, causando uma mudança não apenas no espaço e no tempo escolar, mas também nas concepções do fazer docente e nas relações entre professor e aluno.

Sendo assim, passamos a discutir um pouco sobre o papel desempenhado pelas tecnologias na educação durante o ensino remoto.

2.4 Um conhecimento em rede: tecnologias a serviço da educação

Durante a pandemia, nós, professores, tivemos que nos adaptar aos meios digitais. Esse foi um processo doloroso até mesmo para aqueles dentre nós que nascemos em meio à tecnologia digital. Sabemos que ensinar através de uma tela é, como discutimos anteriormente, muito diferente de ensinar presencialmente em sala de aula.

Principalmente quando consideramos que, no que diz respeito às Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs), Fonseca, Teixeira e Carmona (2021) afirmam que a maneira como eram utilizadas dentro do campo da educação se alterou, pois, se antes da pandemia elas eram instrumentos de apoio da aprendizagem, durante o isolamento social elas passaram a ser vistas “[...] não como ferramentas de apoio no processo, e sim como as únicas ferramentas que poderiam ser utilizadas para que as atividades educacionais tivessem continuidade” (Fonseca; Teixeira; Carmona, 2021, p. 8).

O acesso às tecnologias, de acordo com Rabello (2021), possibilitou mais do que apenas a comunicação entre professores e alunos, fornecendo uma gama muito grande de recursos pedagógicos; especialmente quando consideramos que nós encontramos muitos tipos de materiais “[...] criados para fins educacionais e compartilhados com licença aberta, facilitando o acesso a materiais como livros didáticos, planos de aula, exercícios, videoaulas, entre outros, de forma aberta e gratuita na *web*” (Rabello, 2021, p. 73).

Além disso, Rabello (2021) afirma que as tecnologias digitais podem ser grandes aliadas das práticas de ensino, como já há alguns anos acontece no ensino de língua estrangeira. Contudo, para que isso seja possível, é preciso que ocorram formações que propiciem o letramento digital, que a tecnologia seja integrada ao currículo e que o acesso aos

meios digitais seja garantido, além de proporcionar “[...] ambientes ricos em interação para a aprendizagem colaborativa e o desenvolvimento de práticas educacionais mediadas por tecnologias digitais” (Rabello, 2021, p. 72).

Em nossa sala de aula, passamos a utilizar os aparatos tecnológicos diariamente no pós-ensino remoto, pois agora até a nossa chamada é feita nas planilhas do *Google*, o que facilitou a nossa prática pedagógica. No ensino, as tecnologias também ganharam força através do uso de plataformas gratuitas, como Khan Academy, que nos auxiliam sobremaneira, pois através delas podemos selecionar atividades diferentes para cada aluno. Isso nos permite trabalhar em cima de suas dificuldades.

Por fim, mais do que permitir que a educação ocorresse durante o ensino remoto, as tecnologias nos auxiliaram e nos auxiliam a organizar as aprendizagens em uma grande rede, na qual o conhecimento é o início e o fim de nossa busca; principalmente porque “a educação em tempos de pandemia evidenciou a expansão das oportunidades de aprender e das estratégias de ensino remoto, a flexibilização de tempos e espaços da intervenção didática” (Colello, 2021, p. 159-160).

Por isso, é necessário, segundo Bezerra (2021), repensarmos os fatores sociais que estão diretamente interligados com os usos das tecnologias, principalmente quando consideramos a prática docente num momento no qual há um número cada vez maior de demandas tanto profissionais quanto familiares. Corroborando isso, Bezerra (2021, p. 43) afirma que,

nessas circunstâncias, professores/as são cada vez mais exigidos/as quanto ao atendimento das necessidades de alunos/as, de mães e pais, de empregadores/as, enfrentando grandes incertezas ao mesmo tempo em que também se veem despendendo grandes esforços para se (re)qualificar e se (re)adaptar a situações e exigências que podem ser opressivas em diversos âmbitos: profissionais, familiares, sociais, emocionais, mentais e espirituais.

Nesse cenário, percebe-se que o olhar do professor teve um papel fundamental, visto que, além de ter que se adaptar à realidade social e digital, teve que repensar seu trabalho, já que o fazer pedagógico mudou abruptamente, e apenas ter domínio do conteúdo de sua área de atuação não era suficiente, pois, mais do que ministrar aulas, foi preciso cativar os alunos e as famílias, para que eles participassem das atividades propostas.

Faz-se imprescindível, diante desse cenário, ter um olhar sensível e flexível “[...] em face de limitações nossas e de nossos/as alunos/as no tocante, por exemplo, a prazos,

complexidade de avaliações, escolha de temas a serem tratados em sala de aula etc.” (Bezerra, 2021, p. 50).

Isso se dá principalmente quando consideramos que as TDICs ganharam um novo papel em nossas vidas. Elas, que antes já eram importantíssimas, durante o isolamento social, se tornaram indispensáveis. E, mesmo agora, uma formação acerca dos usos do letramento digital se faz necessária, já que nós, enquanto educadores, precisamos saber como utilizar os recursos digitais, visto que eles podem contribuir muito em nossas práticas pedagógicas.

De acordo com isso, Freire (2021, p. 5-6) menciona que,

no âmbito educacional, desde o momento em que se confirmou a necessidade de quarentena e isolamento social, as instituições e, em especial, os professores tiveram que se recompor e reconstituir, como fênix emergentes da calamidade, visando à continuidade do trabalho e dos processos em desenvolvimento, procurando incluir a maior parte dos alunos em algum contexto digital remoto e superar, de alguma forma, a falta de acesso a dispositivos digitais por boa parte dos alunos. Preparados, ou não, professores, alunos, pais e gestores tiveram que migrar para uma ambientação que, embora não totalmente nova, passou a lhes exigir uma interação diferenciada, maior expertise instrumental e uma reflexão mais cuidadosa a respeito das práticas docentes até então adotadas.

Dessa maneira, para Freire (2021), houve a necessidade de um diálogo que considerasse o contexto imposto pelo isolamento social, pelas relações síncronas e assíncronas, já que o ensino remoto ocorreu dentro de um “[...] espaço digital partilhado por professores e alunos que, desterritorializados, procuram propiciar uma continuidade de ações que lhes permitam atingir os objetivos educacionais propostos ou impostos” (Freire, 2021, p. 7).

As tecnologias foram cruciais para a educação durante o ensino remoto e para a comunicação em todas as esferas durante a pandemia. Contudo, a falta de investimento público no que se refere à infraestrutura e à capacitação docente limitou e interferiu nas práticas pedagógicas. Apesar disso, as tecnologias passam a ser uma potente aliada na educação, principalmente quando consideramos as possibilidades de ensino que as mídias digitais nos fornecem.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia e a crise escancararam as desigualdades sociais, principalmente no que se refere ao mundo do trabalho, no qual a parcela mais pobre da população, além de ter sido a mais afetada, ficou ainda mais pobre. Nota-se que, com a pandemia, “além dos altíssimos índices globais de mortalidade, ampliam-se enormemente o empobrecimento e a miserabilidade na totalidade da classe trabalhadora” (Antunes, 2022, p. 15).

Isso fica evidente quando percebemos que não foi garantido nem o acesso nem a qualidade da educação durante o ensino remoto. Principalmente porque faltou uma política de governo voltada para a garantia do acesso à educação durante o ensino remoto emergencial, especialmente no que compete à aquisição dos aparatos tecnológicos e à necessidade de uma formação orientada para o ensino através das plataformas digitais.

É importante ressaltar que o acesso à educação durante o ensino remoto ocorreu principalmente por meios digitais, o que fez com que as tecnologias se tornassem essenciais para a educação durante esse período. Além disso, há um consenso entre os autores de que o ensino remoto foi muito desigual, pois muitos alunos não tinham acesso aos meios digitais. Some-se isso ao fato de que muitos professores não tiveram uma formação adequada para o uso das TDICs, o que interferiu negativamente nas práticas de ensino.

O processo de alfabetização e letramento dos alunos durante o ensino remoto se deu assim através de um delicado processo que exigiu a colaboração de pais e professores e foi transpassado por diversos desafios. Entre eles podemos citar a falta de aparatos tecnológicos adequados, a falta de uma formação voltada para o uso das tecnologias e a escassa interação entre alunos e professores.

Nesse contexto, é evidente que o fazer docente passou por uma grande transformação durante o ensino remoto, não apenas porque os professores tiveram que se adaptar rapidamente aos meios digitais, mas também porque eles precisaram aprender o tempo de tela, a ensinar à distância, a lidar com a sincronicidade e também com a quebra dos espaços de trabalho e de lazer. Essas são as principais implicações do ensino remoto no fazer docente.

Dessa maneira, nota-se que as tecnologias podem ser um poderoso aliado dos professores desde que sejam usadas de maneira crítica e criativa, pois têm o potencial de enriquecer as práticas de ensino e contribuir para que a aprendizagem seja significativa.

Contudo, para isso é preciso que ocorram investimentos voltados para a democratização do acesso à tecnologia, principalmente da *internet*.

Assim, é inegável que as tecnologias passaram a desempenhar um papel de destaque na educação, apesar de ainda terem um longo caminho a percorrer para que ocorra a integração das mídias digitais na escola.

Por fim, é verdade que o isolamento social deixou muitas marcas dolorosas em nossa sociedade, através da fome e do agravamento das desigualdades sociais, e que o vírus ainda é como um ruído dissonante que se mantém como pano de fundo em nosso cotidiano, sempre ameaçando se tornar mais forte e mais letal.

Concluimos que é essencial dialogarmos sobre as maneiras pelas quais iremos buscar recuperar as aprendizagens essenciais e reduzir o abismo na aprendizagem entre os estudantes que conseguiram assistir às aulas *on-line* e aqueles que, por diversos motivos, não tiveram contato com a escola durante o ensino remoto.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Cláudia Pereira de; SCHEIFER, Camila Lawson. Caindo na rede, caindo na real: em busca do inédito viável no mundo em (pós)pandemia. **Rev. Bras. Linguíst. Apl.**, v. 21, n. 4, p. 1193-1218, 2021.

ANTUNES, Ricardo. **Capitalismo pandêmico**. São Paulo: Boitempo, 2022.

BEZERRA, Fábio Alexandre Silva. Experiências de ensino-aprendizagem remoto de inglês na licenciatura em letras/inglês durante a pandemia de covid-19: multiletramentos digitais e interseccionalidade. **Ilha do Desterro**, Florianópolis, v. 74, n. 3, p. 41-66, set./dez. 2021.

BRASIL. **Parecer CNE/CP nº 5/2020**. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. Brasília, DF: MEC, 2020.

BRASIL. **Parecer CNE/CP nº 9/2020**. Reexame do Parecer CNE/CP nº 5/2020, que tratou da reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. Brasília, DF: MEC, 2020.

CASTRO, Rafael Fonseca de; SILVA, Epifânia Barbosa da; SELAU, Bento. Desafios e limites pedagógicos em tempos de Covid-19: contribuição para pensar a Amazônia Legal. **Revista Educar Mais**, v. 5, p. 1-6. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/educarmais/article/view/2262>. Acesso em: 10 jul. 2024.

COLELLO, Silva M. Gasparian. Alfabetização em tempos de pandemia. **Convenit Internacional**, São Paulo, n. 35, jan./abr. 2021. Disponível em: https://12f7a472-3151-ab81-d2e6-789a72c3925c.filesusr.com/ugd/2fea7f_259163cf13e84da09193e6beb76a673e.pdf. Acesso em: 10 jul. 2024.

FETTERMANN, Joyce; TAMARIZ, Annabell Dell Real. Ensino remoto e ressignificação de práticas e papéis na educação. **Texto Livre: Linguagem e Tecnologia**, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivres/article/view/24941>. Acesso em: 10 jul. 2024.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; NEVES, Vanusa Nascimento Sabino. Professores em meio ao ensino remoto emergencial: repercussões do isolamento social na educação formal. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 48, e260256, 2022.

FONSECA, J. R. da; TEIXEIRA, L. R.; CARMONA, D. A. O socioconstrutivismo, a literacia e o trabalho com TICs durante a pandemia de Coronavírus em 2020. **Texto Livre**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, e34333, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivres/article/view/34333>. Acesso em: 10 jul. 2024.

FREIRE, Maximina M. O ensino remoto emergencial e a exigência imediata de letramento: reflexões sobre um tempo de exceção. **DELTA**, São Paulo, p. 34-37, 2021.

GALIZIA, Fernando Stanzione; BIAZOLLI, Caroline Carnielli; VILELA, Denise Silva; CARNIO, Michel Pisa; BRETONES, Paulo Sergio. Tensões entre educação tradicional e uso de TDIC no ensino remoto emergencial durante a pandemia. **Revista Actualidades Investigativas en Educación**, v. 22, n. 2, p. 1-30, 2022.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

MACEDO, Renata Mourão. Direito ou privilégio? desigualdades digitais, pandemia e os desafios de uma escola pública. **Estudos Históricos Rio de Janeiro**, v. 34, n. 73, p. 262-280, maio/ago. 2021.

RABELLO, Cíntia. Aprendizagem de línguas mediada por tecnologias e formação de professores: recursos digitais na aprendizagem on-line para além da pandemia. **Ilha do Desterro**, Florianópolis, v. 74, n. 3, p. 67-90, set./dez. 2021.

SILVA, Juliana de Souza; SILVA, Katiene Nogueira da; CÂNDIDO, Renata Marcílio. Convergências: pensar ensino e desigualdade com Scheffler, Pato, Bourdieu e Passeron. **Estudos Avançados**, v. 360, n. 105, 2022.

Recebido em: 17 maio 2024.

Aceito em: 16 ago. 2024.